

Suplemento Literário de Mato Grosso

Nódoa no Brim

transforma-se o amador na coisa amada
carrões





04

Cantilena - Poesias retiradas do livro O
passo do instante, de
LUCINDA NOGUEIRA PERSONA

06

Ensaio - Poesia e criação: alguns apontamentos
LUCINDA NOGUEIRA PERSONA

12

Girata - Inspire, Expire
WALNICE VILALVA

14

Resenha do Livro o Passo do Instante, de
LUCINDA NOGUEIRA PERSONA,
por **EDUARDO MAHON**

COLABORADORES DESTA EDIÇÃO



Lucinda Nogueira Persona

é escritora. Membro da Academia Mato-Grossense de Letras



Eduardo Mahon

é escritor. Membro da Academia Mato-grossense de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso.



Walnice Vilalva

Professora da Universidade do Estado de Mato Grosso Coordenadora da Núcleo de Pesquisa Wladimir Dias-Pino

EXPEDIENTE

SUPLEMENTO LITERÁRIO DE MATO GROSSO: NÓDOA NO BRIM é um jornal criado em 2012, como projeto de extensão, pelo Núcleo de pesquisa Wladimir Dias-Pino, Universidade do Estado de Mato Grosso, sob a direção de Walnice Vilalva. Nasceu como suplemento cultural impresso pelo Diário de Tangará da Serra, Mato Grosso. Atualmente, continua como projeto de extensão da **UNEMAT** (portaria: 3676/2018), sob a direção de Walnice Vilalva, assumindo uma versão exclusivamente digital.

Abordamos assuntos relacionados à Literatura e a questões do contemporâneo. Nossa periodicidade é mensal e a circulação é nacional.

Somos uma publicação da editora da Universidade do Estado de Mato Grosso

CONTATO

Por email: wdiaspino@gmail.com

**Universidade do Estado de Mato Grosso
Núcleo de Pesquisa Wladimir Dias-Pino**

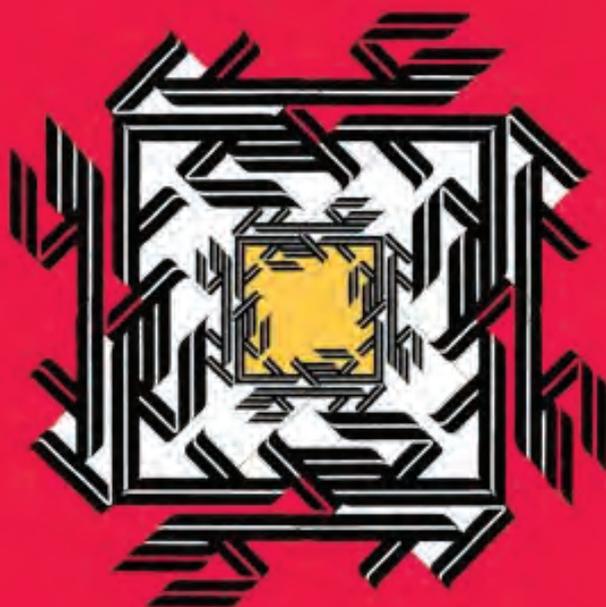
Endereço: MT-358, 7 - Jardim Aeroporto,
Tangará da Serra - MT, 78300-000

Só quem está vivo
vagueia pelas horas e pode atravessar
sem dar um passo sequer
a paisagem que vem de dentro.

.....

Há infinitos poentes
e este tempo
impiedosamente curto
para existir e escrever
a cada instante
sobressaltos vários.

.....



ROSÁRIO

E temos nossas vidas
Nas proporções reais
(instantes poucos, ligeiros)

Algumas vezes para mais
Algumas vezes para menos

Vamos e voltamos
sobre os mesmos passos
como se não houvesse saída
no vaivém da rotina

Pelo rosário do tempo
o dia de um
no corpo do outro
também é passageiro.

.....

O passo do instante, de Lucinda Persona.

"A brisa e o sopro de palavras"

Teo fala e a brisa levanta para os seus braços
um abraço para este calor que nos rodeia

POESIA E CRIAÇÃO: ALGUNS APONTAMENTOS

LUCINDA NOGUEIRA PERSONA

POESIA ENQUANTO EXPRESSÃO DO AVATAR

Não é fácil aclarar a experiência e o sentido da poesia em nossas vidas ou em uma vida em si, que tem na poesia seu modo de ser e estar. A cada passo palmilhado surge e é acrescentado um elemento novo e assim a poesia vai configurando uma jornada de vislumbres indistintos e de efeitos múltiplos.

Com frequência, citam que “a poesia é um estado de espírito” ou “um estado de graça”, condição particular em que o “eu” está em comunhão com o mundo. Condição em que a pessoa sente ou está consciente de algo misterioso, desassossegador e esplêndido ao mesmo tempo. Isso é caso para se concordar. Entretanto, uma coisa é reconhecer esse fato e outra, mais complexa, é traduzir e significar esse fato.

Analisando mais de perto, detenho-me, armada de indagações sem fim: Qual é o verdadeiro significado da poesia em minha psique? Como me aproximar de sua essência, impregnada em minha individualidade, dançando no lugar que representa meu ser e estar? Como alcançar a frondosidade excessiva de seus ramos secretos através do cosmo? Como dissecar seu tecido etéreo? Como prendê-la em seu estado incorpóreo, em seu denominado “real do espírito”?

E tudo isso, questionado sobre o sentimento da poesia e vivido na mais profunda interioridade, fazem-me recorrer a certas artimanhas que talvez possam tornar mais precisa a explicação. Para tanto, de algum modo, coloco-me dentro

de uma fantasia, dentro de uma metáfora. Tratam-se de imagens oferecidas particularmente por uma palavra que venho associando à poesia desde algum tempo. Essa palavra é AVATAR. Tem origem do sânscrito (avatara), significando “descida” do céu à terra. No francês (avatar), filosoficamente diz respeito à reencarnação de um deus e, finalmente, pode ter o sentido de transformação, transfiguração, metamorfose. Todos esses significados imprimem o caráter extraordinário da poesia conforme a percebo, principalmente dentro das regalias da metamorfose. O sentido da palavra esclarece de modo particular um jeito de sentir.

Quando faço minhas colheitas no cotidiano, conferindo relevância ao que geralmente passa batido, ingresso no reino dos avatares ou das transformações. Uma folha de couve já não é mais folha de couve e sim poesia. Um grão de arroz é poesia, igualmente um cristal de açúcar ou então a couve-flor na fervura. É uma lista que se avoluma num supermercado ou numa feira de diversidades. A poesia, portentosa, também se transmuta em restos mortais do Cerrado, em velas acesas num túmulo, numa cadeira, no bolor, na lesma, no pombo ou no vento e na chuva.

Dessa forma, qualquer coisa é tomada pela poesia, essa personagem multifacetada, na verdade uma presença incorpórea, incomensurável, intemporal e inefável, que detém essa faculdade de, aos

meus olhos, misturar-se a tudo, em oposição a qualquer racionalismo científico ou visão prática de mundo. Em certo poema do meu livro *Leito de Acaso*, pergunto: A realidade banal / posta em desequilíbrio / pode adquirir novas propriedades / diversas das conhecidas? Tento deixar nesses versos a urgência interna e constante, a pulsação poética e o aquecimento que me levam a desfazer e a reconstruir o que vejo... seria algo semelhante a transformar o estado físico da matéria, provocando interações entre as moléculas da substância e da poesia, ou vice-versa.

Essa expansão e caracterização um tanto

surreal que faço da poesia é o instrumental mais adequado para compreender sua presença e importância, para entender que não me contento com uma visão externa das coisas.

A poesia é minha morada, porquanto me sinto em seu território como um peixe na água ou um pássaro no ar. É meu abrigo predileto, permitindo que raízes de afeto se entrelacem com o mundo. Paradoxalmente, ela habita em mim, na mesma proporção de um conforto, e cada poema é como se fosse uma oração de intercessão. Todas essas emoções/tensões experimentadas ganham corpo na linguagem.



No livro *O passo do instante* há um poema intitulado “Tu me observas, ó poesia”, neste caso a coloco externamente, como vigilante disfarçada, por aí no espaço.

No afã de bem explicar, eu diria ainda que a poesia está em tudo o que posso medir com os sentidos, funcionando, oscilante, entre os órgãos especiais da visão, audição, paladar, tato e olfato, órgãos que utilizando uma rede nervosa vão recolhendo e enviando ao cérebro todas as sensações. A poesia transita por aí, nos confins do eu e da memória, captando imagens, ondas sonoras, sabores, odores, impressões cutâneas e outras tantas.

Em todo caso, há muito a dizer. Não é possível chegar com segurança ao topo do significado. Então, pergunto: a visão mais clara virá de onde e quando?

criação poética

A complexidade da poesia, das abordagens crescentes, da discussão sobre seu comportamento, seus significados e códigos, passa de modo incontornável pelo processo da criação, levando todos (poetas, leitores, pesquisadores) a desfiar, uma a uma, as tramas de um poema, ou então, a desfibrar o que não é feito de ossos, carne e sangue, mas parece.

Numa primeira instância, a poesia se faz pelas súplicas emanadas desse monumental mundo de coisas e seres que aí estão à mercê da misteriosa regência cósmica. Quando o gérmen da poesia está presente, qualquer objeto, qualquer matéria ou pedaço de paisagem deslumbra a vítima que é o poeta. Infinitas experiências são transportadas para um conjunto de palavras em razão do tão conhecido sentimento do mundo que anda de mãos dadas com o desejo de expressão. Talvez se possa dizer que as palavras são entregues à poesia, e essa, por sua vez, requer uma linguagem eficiente e cheia de sentido.

Assim, as obras poéticas se moldam a partir de significativos chamados do mundo. Quase sempre, verdadeiras obsessões arrastam o poeta à ação reconfortante e plena de resolver em palavras o que é visto e sentido. Entretanto, o ato de escrever, convertido em atividade fascinante e prometedora, reúne elementos insondáveis quando se refere a criar uma representação da realidade em foco.

E, nesse processo criativo, são inumeráveis as questões, algumas simples, outras mais profundas, mais delicadas, mais inquietantes. Valendo acrescentar que o autor não tem por completo a explicação de si próprio e de suas lides. E quando se trata de relatar/descrever a técnica do seu fazer literário o escritor encontra dificuldade, porque se vê numa rede de elementos que dizem respeito à vocação (ou dom), às motivações existenciais e vários outros aspectos.

O poeta, conclamado a falar sobre o processo de criação e sendo a ação algo tão particular, ele certamente renovará uma viagem adentro para verificar o que o leva a se desdobrar na elaboração de um poema, a verificar os gestos e matéria-prima envolvidos nessa construção, a verificar ainda a situação em que produz o texto, como escolhe as palavras e lhes dá uma ordenação adequada e significativa ao mundo.





Há dois aspectos sempre considerados quando se trata de discutir a criação poética. São duas categorias que dividem opiniões: uma é o papel da inspiração e a outra o papel da técnica. Para cada autor, certamente, esses dois aspectos são motivos de larga reflexão. Uns reconhecem as duas categorias simultaneamente e outros apenas uma delas.

Particularmente, tenho ponderado e indagado através do tempo qual dessas ações conduz meu fazer poético? Se há inspiração, em que momento atua, qual é o seu peso? Se existe técnica, quais são os componentes? Como surge em mim o poema? Qual é o seu núcleo gerador?

Vale referir que a palavra sempre repercutiu fundo em meu espírito. A descoberta das letras foi a melhor festa da infância. O simples fato de ver as palavras grafadas numa página de livro ou de jornal era, e continua sendo, uma verdadeira aventura. A imagem das letras representando um vocábulo tem o mesmo efeito da mais opulenta paisagem. Certas palavras tomam proporção, desprendem-se e saltam para meu espírito, encaixando-se perfeitamente num quebra-cabeça de emoções. A substância estética de certos nomes é tão sedutora que o campo da poesia germina feito uma lavoura diversificada e inesgotável. De certa forma, da união indissociável do fascínio pela palavra e pelo mundo, nasce uma espécie de vibração amorosa que se expande e exige a comunicação. Sempre estive submetida a um comando poético. Ele é absolutamente constante, projetando relações de soberania e vassalagem.

Na manufatura poética, meu esforço recai sobre a forma de dizer, sobre a escolha das palavras, sobre a linguagem a ser usada e que bem traduza a emoção. São itens que não diferem dos de outros escritores. Sempre considero exaustivamente vários elementos como: o ritmo, a sonoridade, as imagens que desejo representar e, sem dúvida, as palavras. Em verdade, tais esforços assemelham-se a um comba-

te, à luta espelhada no poema “O Lutador” de Carlos Drummond de Andrade.

Tenho elaborado, gradativamente, em diversas circunstâncias da vida comum. Gosto de associar elementos corriqueiros em combinações novas. Não me é possível ficar indiferente a qualquer coisa, objeto ou ser. Ao lado de uma absoluta e constante predisposição, vem a inquietude, o silêncio, a agonia e o gosto de lidar com a palavra, à semelhança de diferentes comensais acomodados ao redor da mesa. Para ser mais exata, ao redor da escrivaniha. E o silêncio é um convidado indispensável.

O que é real tem um papel indutor de destaque. Incontáveis temas são ditados pelo que vejo. Tudo o que nasce na luz do olhar representa um desafio ao meu apetite pelas transfigurações. A paisagem surge como força impositiva e é incorporada. Assim, a visualidade tem um grande significado nessa cruzada da escrita.

Os versos vão refletindo as vivências e o amor/reverência ao cotidiano, universo para o qual minha proposta tem se mantido aberta desde sempre, dentro de um contexto praticamente urbano. Acolho as cidades, aquilo que elas oportunizam, a incerteza das esquinas, a premente tensão que emana das ruas, a ideia e a concretude

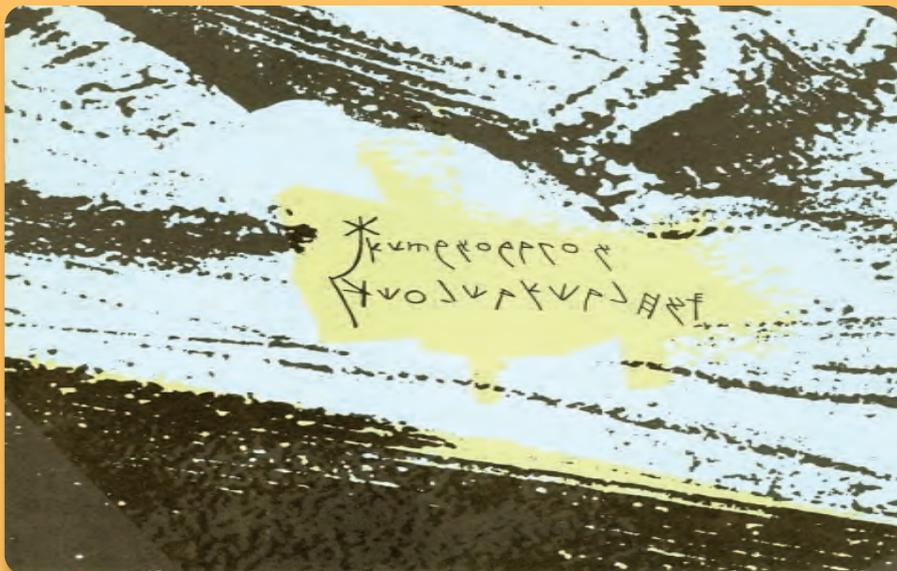
de um rio, a imprecisão da face coletiva. E nesse espaço de preferências ou elementos magnetizantes, está a casa e seus objetos. Percorro a plataforma doméstica entre a oposição das alegrias e das penas, das serenidades e dos tumultos, ponderando por exemplo que o tempo de vida da casa não é menor do que o meu.

Em termos gerais, aqui estão os esboços sobre minha escrita, sobre aquilo que se passa a partir de minha comunhão com a poesia, sobre essa experiência de representar em palavras o júbilo e a perplexidade perante o cosmo.

Tudo me leva a crer que entre a técnica e a inspiração eu esteja ajustada às duas formas, com predomínio da técnica e admitindo a inspiração, mas com pretensões de aprofundamento na questão. Meu desenho mais viável será com os traços fortes de um operário. Um “ser” operário, edificando tudo o que me impressiona e anima, sempre com uma indescritível receptividade amorosa. Cada poema nascendo de infinitas vibrações e inesperados desdobramentos provocados quando a poesia se infiltra na matéria de outro corpo ou de um objeto qualquer.

Lucinda Nogueira Persona: Professora, poeta, ocupa a Cadeira n. 4 da AML.

ແຫາ ວ່າ ພະເຈົ້າ ໄດ້ ວິກາ ພຸດ ລະ ໂລກ ຫຼັງ ນີ້ ຈົນ
ຝົນ ໄດ້ ປະ ທານ ໃຫ້ ປ່າ ພະ ພຸດ ຫຼື ງຽວ ເພື່ອ ວ່າ ສົບ
ບຸກ ສົບ ບໍ່ ໄດ້ ເຊື່ອ ໃນ ທານ ທີ່ ຈັກ ບໍ່ ໄດ້ ເຈັບ ຫາ ງ ແດ
ວ່າ ຈັກ ບໍ່ ວິດ ສົບ ດູ ອອ ໄດ້ ບໍ່ ບໍ່ ດີ ດ



INSPIRE, EXPIRE

Walnice Vilalva

Filme irlandês, direção e roteiro de Ísold Uggadóttir.

A narrativa fílmica explora a experiência de duas personagens femininas que enfrentam o mundo e as adversidades sozinhas. A perspectiva da narrativa é de Lara, irlandesa desempregada e desabrigada que passa a viver com o filho no carro. Sem dinheiro, e com alimentação precária para mãe e filho, Lara consegue um treinamento para trabalhar no Aeroporto de Keflavík.

É nesse contexto de fiscalização, que Lara conhece a estrangeira, Adja, mulher negra refugiada de Guiné-bissau, que precisa chegar ao Canadá, mas é barrada no aeroporto, por Lara, devido à suspeitas de documentos falsos. Após ser impedida de embarcar, Adja precisa aguardar o julgamento com possibilidade de extradição. Entre o tempo de espera na pacata e fria cidadezinha irlandesa, Adja acolhe Lara e seu filho na casa para refugiados, tirando-os da morada do carro debaixo de chuva e frio. A irrevogável indiferença humana ao outro, a solidão abissal como resultado de isolamento, um apartheid social e econômico nos é mostrado em mundo cinza. A narrativa lenta e o frio irlandês, entre vento e chuva, encadeiam uma espécie de "cosmogonia" humana. Se o sofrimento é imperioso, a ajuda vem pelas mãos estrangeiras de Adja. Ao conciliar a representação dos dois mundos, Irlanda e Guiné-bissau, o mundo que habito e o mundo que quero deixar, as personagens femininas estão configuradas pela força, ao nascer um elo afetivo, se reconhecem em dor, sofrimento e desamparo.





A COLEÇÃO DE INSTANTES DE LUCINDA PERSONA

EDUARDO MAHON

O lançamento de um novo livro é desafiador para qualquer escritor que tome a literatura como propósito. A vertigem ganha contornos dramáticos quando o autor já alcançou o reconhecimento público em vida. Admiradores e críticos sempre se pautarão pelas impressões sedimentadas diante do conforto intelectual em palmilhar um estilo conhecido, explorado, amplamente comentado. Por isso mesmo, não raras vezes, os autores fecham-se em preciosismos estéticos, patrulham-se por detalhes insignificantes, flagelam-se com duras autocríticas e, no mais das vezes, evitam novos desafios. Não é o caso de Lucinda Persona, felizmente. A autora desafia a confortável consagração que amealhou nos 25 anos de carreira literária, com prêmios nacionais e regionais, trabalhos acadêmicos sobre a obra poética e centenas de resenhas favoráveis. Lançou "O passo do instante" e mostrou que o invulgar fôlego literário está longe de acabar.

Lucinda começa a carreira de forma inaudita. Ao contrário do que costuma divulgar em livros e palestras, "Por Imenso Gosto" (1995) não foi a primeira publicação da carreira como

escritora. Em agosto de 1987, o programa Poetas Vivos lançou o libreto "Contratempo", assinado pela autora. Articulado por João Bosquo Cartola, esse projeto foi patrocinado pela Casa de Cultura, estrutura antecedente à respectiva Secretaria Municipal. Na época, a entidade era coordenada por Terezinha de Jesus Arruda, uma das maiores agitadoras culturais do Estado. Lucinda integrou essa interessante coleção que se compunha de um pequeno encarte de oito páginas no formato de cartão-postal, podendo ser enviado por correio, estratégia de circulação de baixo custo para as circunstâncias editoriais da época.

Bosquo lançou 11 números do encarte, publicando os seguintes autores: Antonio de Pádua e Silva, com "Cuiabá! Cuiabá! Cuiabá!" em abril de 1987, Maria das Graças Campos, com "Os poemas de amor que não perdi" em conjunto com Wilson Garcia de Alencar com "Meninos das praças", Lucinda Nogueira Persona com "Contratempo", Cristóvão Miranda Uchôa com "Raio X", Rômulo Carvalho Netto com "América", Mário César Leite com "Erótico", Manoel Rodrigues da Costa com "O

pássaro sertanejo”, Etevaldo de Almeida com “Ave Palavra”, Amauri Lobo com “Memória Fragmentária”, Maria de Lourdes com “Lado a lado” e, finalmente, João Bosquo o último publicado com “Da poesia”, na edição de abril de 1988.

Desde então, Lucinda Persona integrou-se no cenário cultural, somando talento à nova geração que nascia da efervescência ligada à Universidade Federal de Mato Grosso. Ainda que não estivesse muito próxima da autointitulada Geração Coxipó – estudantes da UFMT que tentavam uma alternativa para a cultura centralizadora e elitista da capital – Persona foi, desde o início, reconhecida pelo heterogêneo grupo como uma espécie de “musa”, eleita no lugar de Tereza Albuês que passou a morar em Nova Iorque e faleceu prematuramente em 2005. Por isso mesmo, Wander Antunes a convocava a participar da Revista Vôte! e da Estação Leitura e, depois, Juliano Moreno também a quis na equipe de Fagulha e no projeto Palavra Viva. A presença de Lucinda Persona (e de Ricardo Guilherme Dicke) passou a dar lastro às publicações, uma espécie de selo de qualidade e de prestígio.

Na década de 90, nossa musa apareceu na capa de um importante publicação da Editora Entrelinhas “Fragmentos da Alma Mato-grossense”, no topo de uma nova geração que estava representada conjuntamente por Ivens Cuiabano Scaff e R.G. Dicke. No topo, a trinca pretérita “Manoel de Barros, Silva Freire e Wladimir Dias-Pino. Na virada dos anos 2000, integrou a equipe da obra “Na Margem Esquerda do Rio”, organizada por Juliano Moreno e Mário César Silva Leite. Na orelha do livro, Icleia Rodrigues de Lima e Gomes usa-se dos conceitos antropológicos de Maffesoli para perceber o sentido “tribal” daquele novo grupo que gravitava em torno de uma pauta estética modernizadora e um conteúdo político defensivista da ótica regional. Consolidava-se, com “Na Margem Esquerda do Rio” um coletivo literário que estava rascunhado desde meados da década de 80.

Lucinda Persona foi uma das muitas intelectuais forjadas no cadinho da UFMT que se constituiu o grande eixo formador da intelectualidade mato-grossense, a partir dos anos 70. Por isso mesmo, ao lançar o primeiro livro pela Massao Ohno – Por imenso

gosto – já estava acolhida e reconhecida. A razão para resenhas encomiásticas era evidente: a poesia de Persona, apresentada pela multipremiada Olga Savary, era o que havia de mais contemporâneo. Se Manoel de Barros colocou o cenário sertanejo mato-grossense em relevo, se Ricardo Guilherme Dicke criou mitos próprios a partir deste mesmo cenário, Lucinda Nogueira Persona não seguiu a esperada reescritura de ordem geográfica. Muito ao contrário: o sertão da autora tem outro cariz. A aridez, a solidão, a bravura, o combate, a vitória e a derrota, todos valores inerentes à literatura sertaneja, não se encontram na paisagem do cerrado. Lucinda gira o eixo temático para o grotão insondável da intimidade doméstica, onde o comum é metaforizado.

Manoel de Barros transforma a simplicidade, mas o faz com base em estratégias diferentes. O prosaico manoelino é tratado com foros de fantástico e/ou de lúdico, estranhamento típico da literatura contemporânea, que se vale de lunetas e de microscópios em hipóboles figurativas. O sertão-desumano de José Américo de Almeida, o sertão-solidão de Graciliano Ramos, sertão-universal

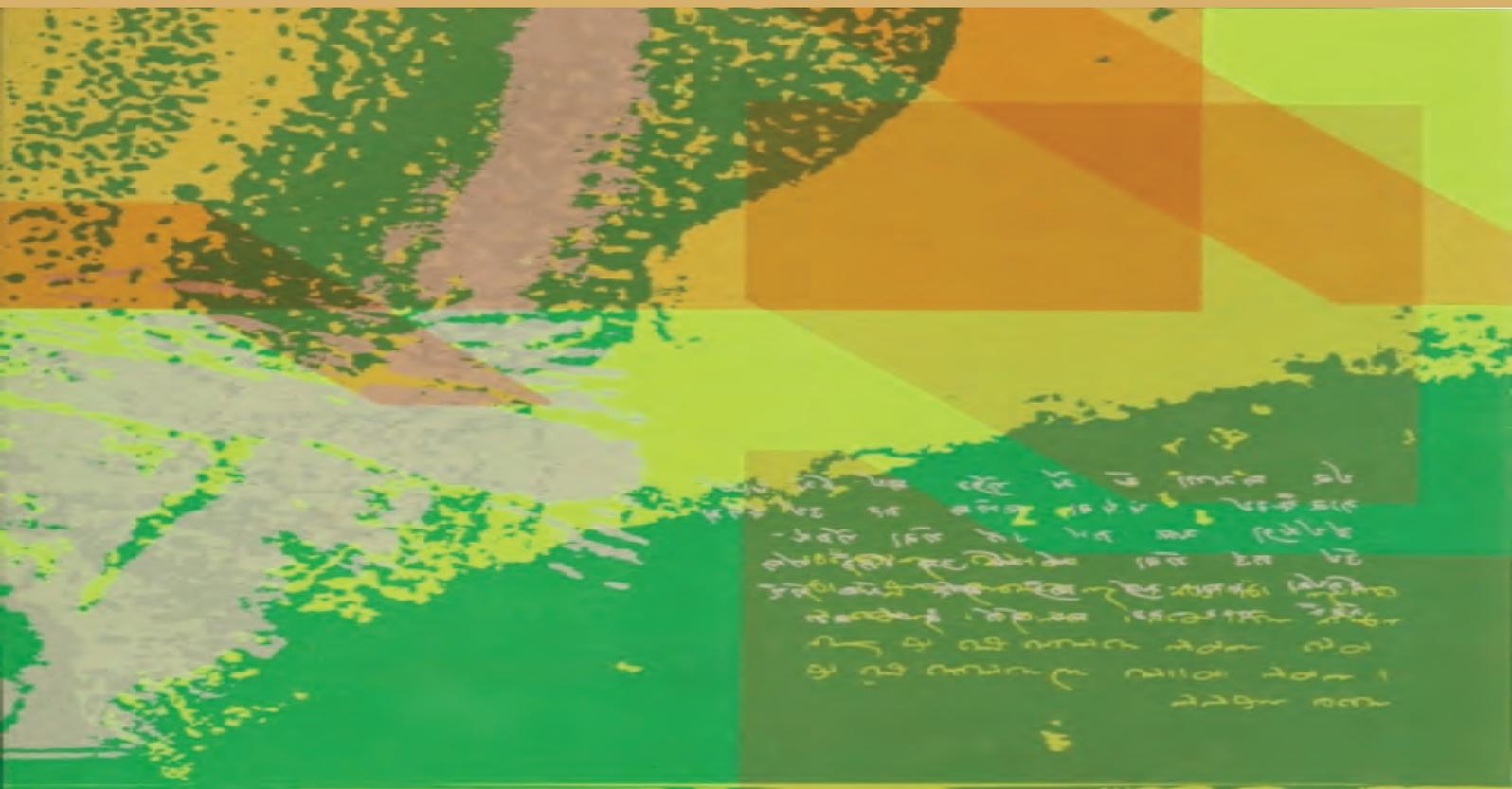
de Guimarães Rosa, é transplantado para a poesia de Barros, grafado com deliberada ingenuidade e delicadeza, também abordado por Dicke nas inúmeras travessias de seus endurecidos personagens. Portanto, Manoel de Barros e Ricardo Guilherme Dicke persistiram na obsessão descritiva e definidora do que seja “o sertão”, retratando as periferias brasileiras ignoradas ou subordinadas, seja pelo viés lúdico, seja pela denúncia social. E Lucinda Persona, o que propõe?

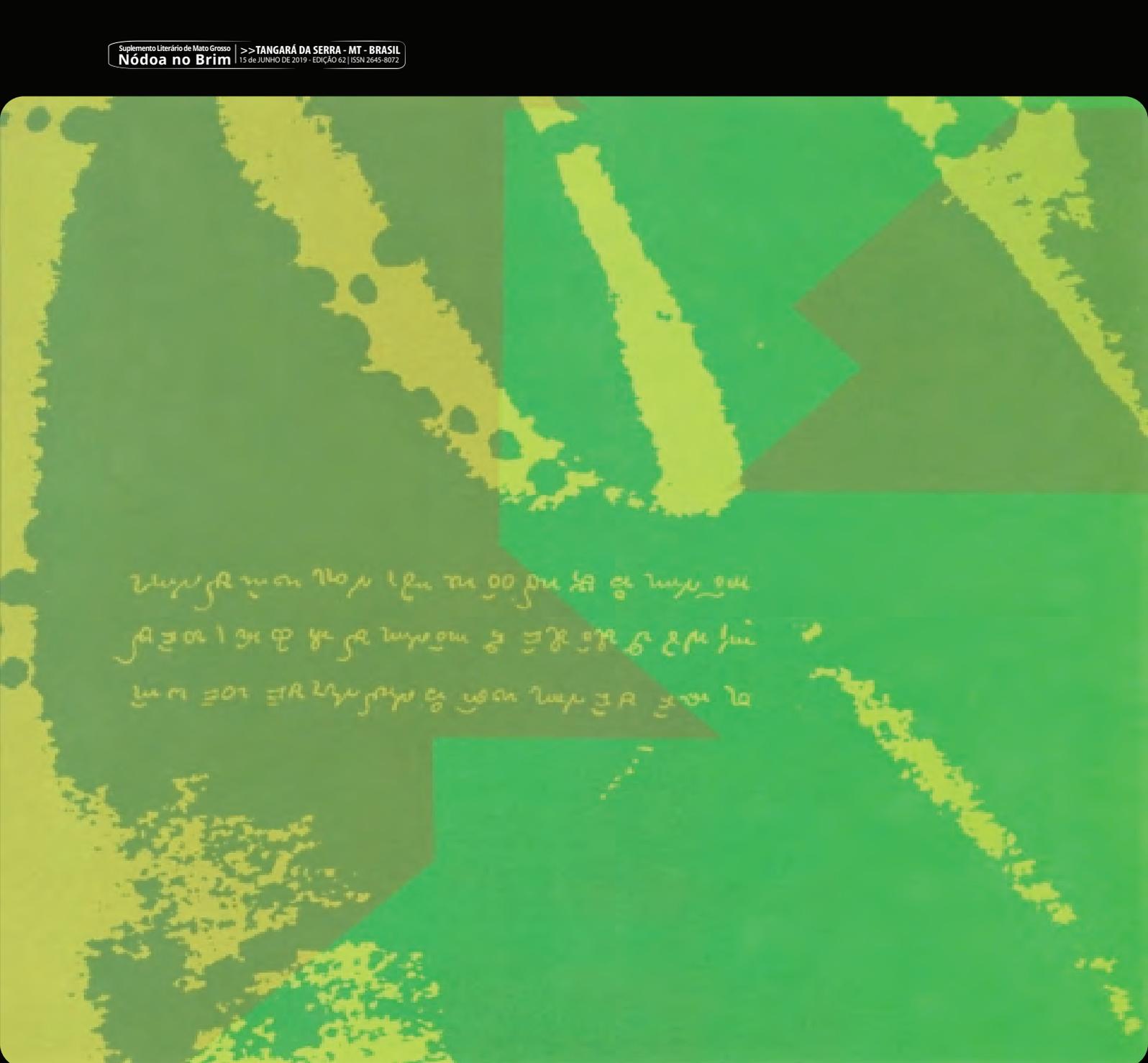
A escritora, mesmo tangenciando na obra a realidade geográfica, mas não faz da paisagem a tônica central da produção literária. Desvencilhada do compromisso recorrente de definir o próprio local, palmilha o enorme sertão interior. Era de se esperar o imediato reconhecimento não só por caminhar fora dos trilhos do cânone mato-grossense, como não se amoldar à forte influência da geração com a qual chegou a conviver de perto. Persona também não cedeu à negociação comum que escritoras faziam com a estética romântica, a fim de angariar aceitação nos círculos tradicionais da cultura mato-grossense. Portanto, a produção da escritora não se volta ao cíclico realismo brasileiro,

não comunga do imaginário da terra, não se filia nem mesmo às pautas políticas da própria geração.

As referências de Lucinda Persona provam que a escritora mira alto. A citação de Sophia de Mello Breyner Andresen na epígrafe evidencia a inclinação da poética de Persona, somando-se ao prosaico de Drummond e o decadentismo de Ferreira Gullar. Se Andresen usa o mar como estratégia para tratar da solidão, se Drummond faz da memória e do cotidiano a matéria-prima para cantar a realidade brasileira, se Gullar fixa obsessivamente as frutas apodrecidas como sinal de decadência corporal, política e social, Lucinda Persona vai buscar na biologia recursos para sua expressão singular. São conjuntos temáticos que envolvem (1) vegetais que se transformam em comida, (2) animais que emprestam suas qualidades aos humanos e (3) a intimidade e o cotidiano doméstico, este último viés muito ao sabor da poética de Manoel Bandeira e de Clarice Lispector.

O universo imaginário de Lucinda Persona é, quase sempre, dedicado à ausência. O despropositado passar das horas, a interminável sucessão de poentes, a atomização existencial perdida na faina diária, a reiterada solidão-a-dois plasmada na casa vazia, no silêncio das refeições, no despertar preguiçoso e no adormecer emudecido, todo o conjunto da obra de Persona almeja capturar o tempo e encontrar nele uma motivação, propósito frustrado pelo abismo de ausência. Esse hiato provoca a transformação física expressada no corpo, nas mãos e, sobretudo, no jogo de espelhos que se faz recorrente nos livros da escritora. A ausência não significa necessariamente solidão. Evidencia-se, inclusive, na dedicação integral ao companheiro a entrega ao passar do tempo, ritual em que, juntos, vão contabilizando a sucessão de instantes inócuos entre goles de chá, colheradas de sopa, pedaços de pão. No máximo, o que se vê em Persona é um vazio diferente das convenções literárias, uma solidão amorosa com incondicional resignação.





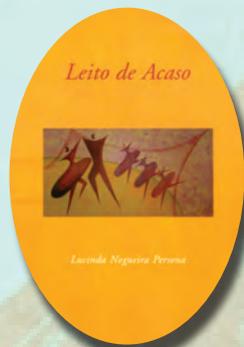
Lucinda Pessoa
O passo do instante
Eduardo Mahon

Devo encerrar essa breve resenha e, para tanto, retorno à obsessão mais notória de Lucinda – a abordagem biológica como veículo metafórico. Entre hortaliças e frutas, ovos mexidos e sopas, o deglutir é o paradigma simbólico da autora. O movimento muscular da deglutição é o mesmo usado para falar ou para soluçar de dor, porque é pela garganta que passam os alimentos, o sabor e o dissabor da vida. Esse “engolir” metaforizado rememora ao mítico Cronos que devorava os próprios filhos, a refletir a força deletéria e inexorável

do tempo que a tudo traga, mastiga e consome. A nossa musa desafia e vence o tempo bravamente, em cada poema, em cada livro. Vencer o tempo é, no fundo, entregar-se a ele. Por isso mesmo, não é coincidência o fato da escritora ter iniciado a carreira com “Contratempo” e chegar agora com “O passo do instante”. A maturidade é o preço e o prêmio de Lucinda Pessoa.

Eduardo Mahon é escritor e aluno regular do Programa de Pós-Graduação de Estudos Literários da UNEMAT

Obras de Lucinda Nogueira Pessoa



Núcleo de Pesquisa Wladimir Dias-Pino
ISSN: 2645-8072

Direção: Walnice Vilalva

Imagens: Enciclopédia Visual Wladimir Dias-Pino/Wladimir Dias-Pino

Criação/diagramação: Edson Santos

Equipe de revisão: Maria Madalena da Silva Dias

Samuel Lima da Silva